ISSN: 2237 - 9304

IRONIA E OUTRAS FORMAS DE RECUSA EM CONGRESSO NO POLÍGONO DAS SECAS, DE JOÃOCABRAL DE MELO NETO

Maria Nilda de Carvalho Mota[25]

Resumo: O objetivo deste trabalho é proceder a uma análise literária do poema *Congresso no Polígono das Secas*, de João Cabral de Melo Neto. Pretende-se destacar dois pontos considerados importantes para a construção do poema: a sua base matemática e a ironia subjacente, que redunda em contradições diversas, inclusive no nível semântico e sintático.

Palavras-chave: Poesia Brasileira; Ironia e contradições; Polígono das Secas; João Cabral de Melo Neto

Abstract: The objective of this work is to carry out one literary analysis of the poem *Congresso no Polígono das Secas*, of João Cabral de Melo Neto. It is intended to highlight two points that are important for the construction of the poem: its mathematical foundation and the underlying irony, which results in many contradictions, including in the syntactic and semantic level.

Keywords: Brazilian poetry; Irony and contradictions; Drought Polygon; João Cabral de Melo Neto

Congresso no Polígono das Secas é um dos dois poemas que compõem o livro *Dois Parlamentos* e foi editado pelo próprio autor, em uma imprensa manual, no ano de 1960, em Madrid, Espanha. Antes de falarmos do poema em si, talvez seja válida uma observação acerca da feitura da obra. Em *O autor como produtor*, Walter Benjamin (1987) nos chama a atenção para a necessidade de se romper com as amarras que nos prendem ao sistema capitalista. Para ele, o lugar de um intelectual na luta de classes só pode ser determinado, ou escolhido, em função de sua posição no processo produtivo. Para estes intelectuais, não abastecer o aparelho produtivo sem obrigatoriamente o modificar, seria uma exigência fundamental. Sabe-se que João Cabral de Melo Neto, desde meados dos anos 50, na intimidade das cartas trocadas com os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira (SUSSEKIND, 2001), declarara-se comunista. Sua poética, que antes fora predominantemente voltada para a metapoesia, ostensivamente passa a caminhar em direção a uma "conversa" mais direta com os leitores, abordando temas mais voltados para "o social". O livro *O cão sem plumas*, apesar de formalmente ainda manter os traços da poética anterior, inaugura, em sua temática principalmente, o novo fazer poético e as novas preocupações de JC.

Embora a afirmação que se segue possa parecer um tanto quanto exagerada, dado que nos faltam "provas" cabais da intencionalidade do autor ao produzir sua própria obra de modo completo e autônomo, o fato é que suas atitudes ditas comunistas, e que lhe renderam

25 Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

um ano de afastamento do serviço diplomático, devido à acusação de subversão, parecem evidenciar-se tanto interna quanto externamente à obra, pois na medida em que o próprio autor passa a ser responsável pela sua produção material, como no caso de JC, que editou seu próprio livro, ele atende, conscientemente ou não, àquela exigência fundamental a que se refere BENJAMIN (1987) de não abastecer o aparelho produtivo sem antes o modificar. Dessa forma, o próprio objeto livro torna-se emblemático do assunto e propostas tratados no poema, na medida em que seu processo de produção configura-se como uma atitude política, ética, condizente com a necessidade de superação de contradições intrínsecas ao seu contexto biográfico, de poeta em luta contra o Capital, e com a sua pretensão e realização estética da obra.

É Alfredo Bosi (2002) quem nos recorda que a resistência é um termo que teria origem no campo da ética e não da estética e seu sentido mais profundo apelaria para a força da vontade: "Resistir é opor a força própria à força alheia", diz ele. Mas a arte, por sua vez, não dependeria da vontade, mas da intuição, da imaginação, da percepção e memória. Assim, a princípio, arte e ética não deveriam se misturar, segundo o autor, mas se misturam irremediavelmente no fazer literário, seja como tema ou como processo inerente à escrita. Ainda segundo Bosi (2008. p.167) essa resistência pode ter muitas faces: "Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do *epos* revolucionário, da utopia)". Segundo essa lógica temos, no caso de *Congresso no Polígono das Secas*, a "vertente da sátira", pois é evidente a ironia intrínseca à fala do sujeito poético (caracterizado como um senador sulista), tratando da região do semiárido brasileiro como se fora um imenso cemitério.

Para este crítico, uma característica dessa poesia de resistência seria a capacidade de resistir à falsa ordem "que é, a rigor, barbárie e caos" (2008, p.169) e João Cabral de Melo Neto figuraria como um desses grandes mestres desses discursos chamados de "recusa e invenção". Em sua obra percebemos, por exemplo, essa grande capacidade de resistir à falsa ordem e também de impor, através da palavra, essa espécie de contínuo harmonioso tão necessário à caótica situação social nordestina que tem se perpetuado em ciclos, seguindo, invariavelmente, o regime de chuvas e da lucratividade gerada pela miséria do povo.

Esse mesmo povo, entretanto, historicamente tem resistido. Durante a grande seca de 1877, mas também em muitas outras – inclusive a de 1958, ano em que fora iniciado o poema objeto de nossa análise –, o mesmo povo, que em *Congresso no Polígono das Secas* é tachado como impassível, ironicamente, protagonizou diversos saques a comércio e depósitos de alimentos, revelando sua rebeldia e insatisfação.

Segundo NEVES (2008) são muitas as formas de luta e resistência das populações mais pobres para sobreviver com dignidade. E, embora no trecho abaixo citado o autor faça referência ao Estado do Ceará, as ações de saque e os demais enfrentamentos parecem ter sido recorrentes nas outras regiões do país onde a seca se faz presente:

> Ao longo da História, ocorreram diversos tipos de motins no Ceará. Há os ataques diretos aos mercados públicos, como em 1958, quando cerca de quatro mil retirantes entraram no mercado de Jaguaribe e levaram todos os alimentos que encontraram, espalhando pânico entre a população. Outro alvo são os meios de transporte de gêneros. Em 1932, em Orós, quase 400 camponeses atacaram um trem de mantimentos e levaram toda a carga de carne-seca. Os camponeses também promovem pressões sobre as obras públicas, invadem prefeituras e saqueiam alimentos estocados. Em alguns episódios, surgem tentativas de negociação com comerciantes ou autoridades. Em 1983, por exemplo, ao tomarem conhecimento da chegada dos retirantes à cidade, os comerciantes de Cascavel fecharam suas portas e resolveram doar alimentos às famílias. (NEVES, 2008, p. 38).

Assim, veremos no poema *Congresso no Polígono das Secas*, a revelação, pelo avesso, desse procedimento de resistência popular, pois ao descrever as situações de impassibilidade e de morte, o sujeito poético, contraditória e ironicamente, deixa à mostra as duras condições de vida, de subsistência, mas também de resistência, relegadas à população do Semiárido brasileiro.

Com relação à ironia, enquanto figura de linguagem, esta parece ser um dos procedimentos que melhor servem à expressão de nosso tempo na medida em que, como o ser moderno, carrega intrínseca essa característica da contradição. Apoiado em Marx, Marshal Berman (1986) nos lembra que ser moderno é fazer parte de um universo onde "tudo o que é sólido desmancha no ar", onde todas as coisas estariam impregnadas do seu contrário. Quanto ao "ser moderno" este seria, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador, moderno e antimoderno:

> O fato básico da vida moderna, conforme a vê Marx, é que essa vida é radicalmente contraditória na sua base: "De um lado, tiveram acesso à vida forças industriais e científicas que nenhuma época anterior, na história da humanidade, chegara a suspeitar. De outro lado, estamos diante de sintomas de decadência que ultrapassam em muito os horrores dos últimos tempos do Império Romano. Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrário. O maquinado, dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só faz, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregá-lo. As mais avançadas fontes de saúde, graças a uma misteriosa distorção, tornaram-se fontes de penúria. As conq

indicação, no entanto, aponta mais do que a forma de entonação do texto, aponta em direção aos responsáveis pelo sertão ser um tipo de cemitério, pois o discurso do dito senador sulista metaforiza reiterada e obsessivamente o sertão e o cemitério de tal forma acumulativa, que um se torna símbolo do outro. Mais adiante veremos outros aspectos irônicos e contraditórios que surgem bastante explícitos no poema.

Congresso no polígono das secas (MELO NETO, 1961):

> "a matemática, na prática, é sádica
> reduziu meu povo a um zero a esquerda, mais nada
> uma equação complicada
> onde a igualdade é desprezada"
> GOG – rapper brasiliense

O combativo cantor de *rap*, GOG, dedicou ao menos uma de suas letras para expressar sua indignação pelo tratamento frio, numérico e desvantajoso dado ao nosso povo pelas elites econômicas e políticas de nosso país. No poema de João Cabral, também encontramos essa crítica que avança desde o tema até as suas mais profundas estruturas textuais.

Como dissemos anteriormente, *Congresso no Polígono das Secas* foi publicado em uma imprensa manual, em Madri, no ano de 1961, tendo sido escrito entre 1958 e 1960, anos em que o Nordeste vivia mais um episódio de seca extrema. O nome do poema faz referência a uma região formada por mais de 1000 municípios, a qual compreende 10 Estados brasileiros, incluindo o Norte de Minas Gerais e Espírito Santo. Essa região, chamada também de Semiárido, fora criada por decreto, no ano de 1936, e sua caracterização se dá exatamente pela carência de água, pelo regime de chuva irregular e insuficiente – o que, somado à ineficiência política e conveniências econômicas, gera verdadeiros desastres do ponto de vista humanitário.

O título do poema também habita o campo semântico da matemática, na medida em que faz referência a uma figura geométrica cujo significado nos remete à multiplicidade de ângulos: o polígono. Essa questão ligada à matemática mostra-se importante para nossa análise, na medida em que o poema, tal qual sugere o título, revela- se construído sob tais bases.

Assim, *Congresso no Polígono das Secas* (1961), é composto por 128 versos divididos em 16 cantos de 16 versos, dispostos sempre em uma única estrofe. Estes últimos agrupam-se em quadras que rimam invariavelmente os segundos e quartos versos. Cada verso, por sua vez obedece a um esquema métrico de 6 ou 8 sílabas poéticas (embora, como é comum em João Cabral de Melo Neto, não raro alguns versos escapam a essa metrificação). A disposição dos versos de 6 e 8 sílabas varia conforme o bloco de cantos ao qual pertença.

Chama a atenção o fato de que a ordenação dos cantos não segue o padrão numérico crescente. Eles estão agrupados segundo sua métrica. Assim, os cantos 1, 5, 9 e 13 formam um bloco semelhante, pois têm seus dezesseis versos dispostos na seguinte sequência de sílabas poéticas: 6886 6886 6886 6886; os cantos 2,6,10 e 14, por seu turno, agrupam-se para

formar o segundo bloco de cantos, assim como os cantos 3,7,11 e 15 formam o terceiro bloco e, por fim, a última sequência de cantos 4,8,12 e 16 formam o quarto e último bloco, seguindo cada qual um esquema métrico silábico distinto.

Prosseguindo na observação, vemos que essa ordenação representa não apenas blocos, mas ângulos distintos, do ponto de vista temático: embora o mote seja sempre o cemitério – como metáfora de uma região onde a presença da morte é tão intensa que toda espécie de vida é suprimida, no primeiro bloco de cantos há uma ênfase sobre a caracterização do local, o "cemitério", enquanto que no segundo, terceiro e quarto blocos, essa ênfase recai, respectivamente, sobre a "morte", os "mortos" e os "restos". Dessa maneira, estamos assumindo quatro distintos ângulos de nosso "polígono".

No entanto, mais uma vez, contraditoriamente, essa multiplicidade de ângulos não implica em nenhum tipo efetivo de mudança: persiste sempre a morte e seus derivados (o local de morte, os mortos e os restos mortais). E o que, a princípio, sugeriria multiplicidade (os diversos ângulos), explicita, antes, uma unidade nefasta que, outra vez, contraditoriamente, apesar de una é descrita no plural: os cemitérios gerais.

Cemitérios Gerais

> "[...] Então te transformas tu mesmo
> no grande frango assado que flutua
> sobre todas as fomes, no ar; frango de ouro
> e chama, comida geral para o dia geral, que tarda."
> (MELO NETO, 1997.)

É sabido que Carlos Drummond Andrade figura entre uma das maiores influências na poética cabralina. Em seu poema *Canto ao homem do povo Charlie Chaplin*, poema integrante da obra *A Rosa do Povo* (1945), em uma belíssima homenagem ao ator, o sujeito poético drummondiano faz referência à capacidade de Charlie Chaplin distribuir risos e esperanças, diminuindo a brutalidade do Capital e trazendo alegria em meio à tristeza, alimento para a alma em meio às carências e violências de um sistema social e econômico desumano.

No trecho acima citado, fala-se de "dia geral" e "comida geral", que tardam, numa clara alusão à alternativa socialista, como utopia de mundo mais justo e melhor. Se, entretanto, o dia geral drummondiano tarda, o cabralino não. Em compensação, toda a carga semântica de vida, esperança e dignidade do trabalho encontradas no poema de Drummond ganha sentidos opostos no "cemitério geral" de João Cabral. A utopia de socialização, neste caso, opera com os denominadores morte, desesperança e exploração do trabalho.

No primeiro bloco de cantos (1, 5, 9 e 13) temos a caracterização do Polígono das Secas, lugar metaforicamente chamado de "Cemitério Geral". Nele, dois aspectos bastante relevantes para nossa análise chamam a atenção. O primeiro é a humanização da paisagem como se fora um ser vivo, autônomo e produtivo – logo, valorizado – e, em contrapartida, a desumanização e até apagamento das pessoas e demais seres vivos. O segundo aspecto é a representação do Sertão como uma entidade socialista, avesso às privatizações. Esse

Como dissemos no início desta análise, a questão "matemática" se mostra importante para a construção e expressividade deste poema. Os blocos nos quais se dividem os cantos do poema, por exemplo, parecem tratar de outros aspectos/ângulos do mesmo tema. Por sua vez, nos chama atenção a forma como a mudança de blocos/focos é operada de duas maneiras bastante evidentes: em primeiro lugar, muda-se de ângulo por meio de um processo de subtração que interrompe a numeração dos cantos, no interior de cada bloco (os cantos são numerados somando-se 4 ao número imediatamente anterior a ele).

[A1] Comentário:

Após completar cada bloco de quatro cantos, o número divide-se em dois e o maior deles subtrai o menor. O resultado é um novo bloco de cantos, com características formais e temáticas próprias. Os três outros blocos, têm como foco, a morte, os mortos e, por fim, os restos mortais, como apontamos no início desta análise, e mantêm a estrutura paralelística e demais recursos reiterativos, apontados anteriormente, que redundam em uma sensação de "falta", de incompletude ou ausência, reforçadas pelo fato de o único tipo de soma, ou acumulação, estar ligado à morte.

O número 16 parece sobressair nessa matemática, dado que, como apontamos anteriormente, o poema é dividido em 16 cantos de 16 versos. Trata-se um número denominado como composto e defectivo (ou deficiente). Parece-nos bastante adequada à construção do poema a organização dos versos dentro dos cantos em um número "deficiente", ou seja, cuja soma de seus fatores não excede o seu valor original. A deficiência numérica, por sua vez, nos remete à contextual, a um país que ao invés de multiplicar riquezas, divide pobreza, vitimiza regiões e populações inteiras fazendo com que seus recursos (a soma de seus fatores) nunca se equivalham ao seu valor original.

O 16 é também o quadrado do número 4. O chamado Polígono das Secas, por sua vez, forma um quase retângulo – figura geométrica bastante próxima ao quadrado. Além disso, o poema é todo, efetivamente dividido de modo a que o número 16 esteja sempre dividido por quatro, seja na quantidade de blocos temáticos (que são 4), no número de cantos (4 em cada bloco) ou de versos (quadras delimitadas pelo esquema de rimas).

Por fim, na numerologia, 16 simboliza "a queda". E embora não se trate de um conhecimento "científico", mas popular ou "exotérico", ele pode ser importante para a compreensão do poema, pois é a cada 16 versos que o poema se interrompe, dando início a um novo canto, e é exatamente no 16º canto que o poema se finda, como se este número representasse o final de um ciclo.

De acordo com estudos meteorológicos de longo prazo, percebeu-se que as secas prolongadas, além de obedecerem a um ciclo predefinido, dão sinais evidentes de seu início, pois antes de se iniciarem as estiagens mais severas – a cada 26 anos, aproximadamente – verifica-se, invariavelmente, um pico no índice pluvial, que em seguida cai drasticamente. Obviamente, não se verifica no poema a exata correspondência entre o número de versos, cantos e toda a sua arquitetura matemática, com a matemática do ciclo das secas. Apesar

disso, a sua relação com o contexto no qual se insere, é evidente, como parece indicar a reincidência do algarismo 16.

Entretanto, sabe-se que, embora a natureza apresente seus ciclos, a intervenção humana é capaz de tanto de alterá-lo quanto de minimizar seus impactos. Isto evidencia o fato de que se o Sertão tornou-se um grande cemitério, os seres humanos, especialmente as classes mais abastadas, têm grande responsabilidade nisto, com seus reiterados atos predatórios cujo alcance vão para além do campo discursivo.

Assim, se seguirmos nessa lógica que leva em consideração a possibilidade de o poema estar estruturado de maneira cíclica, este não terá fim, como a vida, atacada pela seca, pela política e elite predadora, contrariamente ao esperado, tende a voltar ao seu início e se perpetuar.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. 65ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2010

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

____, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 7ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GOG. Matemática na prática. Intérprete: GOG. In: GOG. **Das trevas à luz**. Brasília: Zâmbia, 1998. 1 CD. 80m. Faixa 3.

MELO NETO, João Cabral de. Dois Parlamentos. In: **Serial e Antes**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1997.

NEVES, Frederico de Castro. **Invasão de Famintos**. Disponível em http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/invasao-de-famintos. Acesso em 10/11/2013.

SUSSEKIND, Flora (org). **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.